



MARY  
DEL  
PRIORE

Segredos de  
uma Família  
Imperial

*A vida da Princesa Isabel, de Gastão  
conde d'Eu e dos príncipes D. Pedro,  
D. Luís e D. Antônio no exílio*

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# MARY DEL PRIORE



## Segredos de uma Família Imperial

*A vida da Princesa Isabel, de Gastão  
conde d'Eu e dos príncipes D. Pedro,  
D. Luís e D. Antônio no exílio*

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

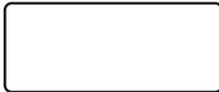
Copyright © Mary Del Priore, 2024  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Marília Chaves  
*Revisão:* Valquíria Matioli e Bonie Santos  
*Diagramação:* Negrito Produção Editorial  
*Pesquisa iconográfica:* Tempo Composto Ltda. | Daniela Baraúna  
*Imagens de miolo e capa:* Instituto Moreira Salles  
*Capa:* Filipa Damião Pinto (@filipa\_) | Estúdio Foresti Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Del Priore, Mary, 1952-  
Segredos de uma família imperial / Mary Del Priore. – São Paulo : Planeta do  
Brasil, 2024.  
240 p.  
ISBN: 978-85-422-2867-0  
1. Brasil – História. 2. Famílias reais. I. Título.  
24-3738 CDD 981.05

Índice para catálogo sistemático:  
1. Brasil – História



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2024  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP – 01415-002  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

## Dias sem fim...

**E**ra novembro e não chovia. Mas os dramas que mudam vidas não escolhem o tempo. A Princesa Isabel viveu um deles. Foi no que “se deu a maior infelicidade de nossa vida”, registrou. A dor impregnou suas memórias sobre o dia 15 de novembro de 1889. Elas combinaram surpresa e desespero. A rapidez do golpe republicano não deixou a família imperial reagir. Uma vida lhes foi arrancada sem aviso prévio. Uma vida feliz. Cercada de pessoas amigas, do conforto familiar, do calor das casas, de certezas de que tudo acenava para um futuro tranquilo. O destino, porém, não conhece linhas retas. E ela não entendeu por quê.

Isabel era boa, praticava caridade, rezava muito e tinha fé. Desde pequena colecionava imagens religiosas e frequentava asilos, distribuindo boas ações. Não perdia missas nem novenas. Afinadíssima, cantava o *Stabat Mater* e adorava o Santo Sacramento. Seus escrúpulos religiosos a antagonizaram com seu pai, D. Pedro II, várias vezes. Por duas, assinou leis que libertavam os escravos: a Lei do Ventre Livre e a Lei Áurea. Acreditava piamente que, protegida pela lei de 13 de maio, o devotamento dos abolicionistas e seu título de Redentora se tornaria invencível nas piores lutas políticas. Não percebeu que a alegria dos libertos tinha ficado para trás. Que suas boas ações não lhe protegeriam do mal. Habitada por paz interior, uma paz construída na certeza do dever cumprido como esposa, mãe e filha, o Bom Deus estaria sempre com ela. Mas Deus também era insaciável de louvores, pródigo de

catástrofes, sempre pronto a distribuir desgostos. Ela o abrandava com ladainhas e missas. Mas Deus não esteve lá nesse dia.

Aos 43 anos, baixinha, dona de uma voz melodiosa, os olhos azuis incrustados em órbitas caídas que piscavam num tique nervoso, cabelos brancos num penteado tão imutável quanto os seus princípios, Isabel tinha sido até então uma mulher feliz. E tinha consciência de sua condição. Dias antes, numa regata de barcos em Botafogo, ela confidenciou às amigas: sua vida não poderia ser melhor. Era chamada pelo marido de “mamãezinha”.

Ao contrário de muitos casamentos monárquicos que se arranjavam por interesse político ou diplomático, o dela se fizera por amor. Gastão, conde d’Eu, membro de uma das mais antigas famílias monárquicas francesas, os Orléans, costumava dizer que, em sua vida, o dever orientou todas as ações: “Até jogar a partida de bilhar todas as noites, pois fazia bem à digestão”. Mas casou-se por amor. Eles se escolheram. E, como nos contos de fadas, seriam felizes para sempre. Unidos por profunda afeição, formavam um casal sólido.

Alto, magro, barba em ponta, os cabelos bem escovados, a testa alta, Gastão transpirava distinção. Na intimidade, era chamado “meu bem-amado”. Dono de uma voz monótona que não escondia o acento francês, o príncipe era um produto perfeito da civilização europeia. Ele não deixava dúvidas de que toda a sua existência fora correta, bem ordenada e convencional. Sobressaltos? Sim. O casal enfrentou unido tempestades passadas, quando perdeu a primeira filhinha, Luísa Vitória, ou quando Gastão participou da Guerra do Paraguai, e junto enfrentaria aquela que estava por vir.

Até então, viviam pacíficos. Instalados no Paço Isabel, viam ao fundo uma pedreira coberta de mata e à frente um bonito jardim com palmeiras enfileiradas. Recém-reformada e plantada entre outras chácaras, a casa tinha vista para a baía de Guanabara e respirava a tranquilidade do bairro de Laranjeiras. O prédio retangular terminava em duas grandes alas que abrigavam um pátio interno. Ali, circulavam inúmeros criados, entre os quais o pitoresco cavaleiro Fritz. Muitos cavalos para passeio ou para puxar carruagens arrastavam os

cascos no paralelepípedo aos latidos de *Rob Roy*, cãozinho de estimação da princesa.

Entrava-se na residência por um grande vestíbulo que servia de salão e que separava duas salas transformadas em espaço de recepção. Nas paredes, grandes espelhos e esculturas em gesso. Colunas de capitel dórico sustentavam a galeria do segundo andar com pinturas. Ao fundo, o gabinete de Gastão. Espalhados, móveis de estilo Luís Felipe e Napoleão III e, como se queixava Gastão, as centenas de bibelôs que encantavam Isabel. Apesar de ser mais simples do que qualquer outra casa real, importaram, da *Maison Bettenfeld*, a mais famosa loja de decorações de Paris, cópias das mesas no estilo *Bouille*, com ornamentos em bronze dourado que se mesclavam às outras peças. Luxo? Não. Nem colunas em mármore, nem paredes cobertas de lambris de carvalho, nem tetos pintados ou pisos em mosaico. Não eram ricos. Um piano aberto lembrava que Isabel tocava o instrumento com facilidade. Na cozinha ela gostava de fazer sorvetes. Nos fundos, janelas se abriam para balcões em ferro forjado. Isabel colecionava orquídeas e animais tropicais.

O dia 15 começou com a regularidade dos relógios: Gastão levou os príncipes Pedro e Luís para uma cavalgada na praia de Botafogo. Luís, que sofria com dores de dente, foi obrigado a suportar. Segundo o pai, pequenas dores tinham que ser dominadas, o exercício matinal era bom para a saúde dos meninos, sem contar que a equitação forjava a disciplina dos futuros militares. De seu lado, Isabel percorria os salões. Arranjava os vasos. Dava ordens. Descia a prataria dos armários. O palácio abriria as portas para um jantar especial. Os homenageados eram os oficiais chilenos do navio *Almirante Cochrane* de passagem pelo Rio. Ao fundo, o som dos instrumentos da orquestra de São Cristóvão que ensaiava o hino da República do Chile.

A tranquilidade do cotidiano foi quebrada por volta de dez horas da manhã. Pouco a pouco começou a chegar gente. E não era para a festa: o coronel Lassance, mordomo de Gastão, o doutor André Rebouças, o conselheiro Marinho, o major Duarte e Miguel Lisboa. Todos “esbaforidos”, traziam “novidades grossas”, a princípio estranhas.

E depois alarmantes: “nos pareciam exageradas”, reagiu Isabel. Tudo aquilo era um equívoco, não?!

Enquanto amigos do casal se reuniam em Laranjeiras, o general Deodoro da Fonseca, à frente de dois batalhões, tinha cercado o Ministério na Secretaria da Guerra, no Campo da Aclamação. Depôs o Gabinete ministerial e seu presidente, Afonso Celso de Assis Figueiredo, que tentou resistir. Para complicar, seu ajudante, o general Floriano Peixoto, se recusou a obedecer e, apesar de comandar as tropas fiéis ao imperador, passou para o lado dos revoltosos. Armados, estudantes da Escola Militar tomaram as ruas. Era o golpe republicano em andamento.

Sim, era difícil de acreditar. Afinal, Deodoro era amigo do imperador D. Pedro II. Por que arrancá-lo do poder? Gastão, recém-chegado do passeio, quando soube que Quintino Bocaiúva e Benjamin Constant estavam do lado de Deodoro, não perdeu um minuto: “A Monarquia está perdida”. Entre os presentes, Gastão talvez tenha sido o único a intuir a coisa por vir. Tanto que “recebeu a notícia com surpresa, mas sem um gesto de revolta, sem a menor tentativa de reação” – contou o preceptor dos pequenos príncipes, Ramiz Galvão. Atordoados pelas notícias, os príncipes ligaram para o telefone dos Arsenais da Marinha e da Guerra. Lá, silêncio conivente.

Gastão sabia que, se sua esposa havia reinado sobre os ex-escravos, agora, os republicanos reinavam sobre os ex-proprietários de escravos e o Exército. Desde a Guerra do Paraguai “a ideia republicana avançou imensamente, coisa que a todos impressiona”, ele já tinha registrado em março de 1888. Bem que Gastão tentou evitar a dissolução do gabinete conservador do ministro João Alfredo pedida pelo partido Liberal e pela ala dos conservadores favorável à compensação pela Abolição. Pela primeira vez em anos, solicitou uma audiência ao sogro. Explicou-lhe o seu ponto de vista. O imperador, sem dizer nada e um pouco contrariado, o deixou falar por meia hora. Sogro e genro não se bicavam. E sem lhe dar ouvidos, D. Pedro indicou um chefe liberal para presidir o novo gabinete, Franklin Américo de Meneses Dória, o barão de Loreto. Sua indicação os levou rapidamente ao exílio.

Em meio às informações truncadas, o casal reagiu. Isabel não quis sair do Paço. Temia que, “talvez, não sendo as coisas como se dizia, não viessem mais tarde acusar-nos de medo, do que, aliás, nunca dei provas”. Ela nunca imaginou nuvens no céu que avistava da janela. Gastão pensou em se fardar. Sua presença e os serviços que havia prestado na Guerra do Paraguai poderiam inibir os colegas. Mas logo desistiu – contou o baiano Manuel Vieira Tosta, barão de Muritiba e fidelíssimo amigo da família imperial. Gastão, sim, sabia que contra golpes de Estado não havia nada a fazer.

Preocupados com os filhos, Pedro, de 13, Luís, de 10, e Antônio, de 7 anos, imediatamente encarregaram o preceptor de levá-los a Petrópolis. Lá ficariam “fora do barulho”. Não se sabe o que os meninos pensaram da súbita mudança de programa, mas num bote a remo do estabelecimento “*Banhos High Life*” e depois num escaler do couraçado Aquidabã foram deixados no porto de Mauá, no fundo da baía, onde se encontrava a estação de trem. Tomaram o das dezesseis horas. Subiram a serra, cortando a mata exuberante e as imponentes árvores que não mais veriam. Mais tarde, o príncipe Luís recordaria que durante a viagem “nossa presença passou quase despercebida [...]. Lembro-me perfeitamente que nossos companheiros de viagem discutiam com pachorra as novidades do dia, sem lhes ligar, ao que parecia, grande importância”.

Em meio à aflição e à falta de notícias, Amandinha, baronesa de Loreto, esposa de Franklin Dória e melhor amiga de Isabel, só então lhe transmitiu o boato que ouvira da baronesa do Rio Apa: uma conspiração iria estourar naqueles dias. A coisa vinha de longe. Era comentada à boca pequena até entre os amigos. Só foi surpresa para os príncipes. Os amigos André Rebouças e Alfredo, conde de Taunay, ambos abolicionistas e muito próximos do casal, insistiam para que o imperador ficasse em Petrópolis. De lá, poderia montar novo governo e, se quisesse, fugir para o interior. O conde de Carapebus, Antônio Dias Coelho Neto, sugeriu a Isabel que se abrigassem em vasos de guerra estrangeiros ancorados na baía da Guanabara. “Não deixo papai nem que me varem de balas” – ela replicou. Da surpresa ela passou à aflição

e agora ao desespero. Choviam sugestões para protegê-los. Mas nenhuma solução.

O clima esquentava entre os presentes no salão do Paço Isabel. Com o pai incomunicável, a princesa mandou chamar o conselheiro Dantas. Queria sua opinião. Pediu-lhe que fosse assuntar o que ia pelas ruas, e ele saiu do Paço dizendo: “Vossa Alteza não receie nada, peço-lhe que tenha toda a confiança em mim, eu não quero República, eu não admito República”.

As conversas foram interrompidas por um telegrama do conde da Motta Maia, médico pessoal de D. Pedro, informando que o imperador já sabia de tudo e descia de Petrópolis. Quanto ao telégrafo, este caiu nas mãos dos republicanos. Isabel resolveu encontrar o pai na estação ferroviária de São Francisco Xavier. Para agilizar o encontro, o casal tomou uma lancha a vapor, enviada pelo barão do Catete, no Morro da Viúva. A amiga Mariquinha, Baronesa de Muritiba, foi junto. Contou que, nesse dia, a baía estava linda e resplandecente. Ao cruzar a Santa Casa de Misericórdia, avistaram o coche puxado por seis cavalos do imperador. Desceram no cais Pharoux, atual Praça XV. Ao sol, a praça se espreguiçava tranquila como nos dias ordinários. D. Pedro já se encontrava no Paço.

Eram 13h30 quando a pequena comitiva cruzou o cais. Ao reconhecê-la, os transeuntes se descobriram. Os príncipes entraram no Paço e foram saudados com as continências de estilo. Alarmados com as notícias que incendiavam as ruas, os amigos foram chegando: o visconde da Penha, a mulher e a outra filha, Eugeninha, também amiga de Isabel; o doutor Caetano da Fonseca Costa; o conselheiro Silva Costa; o almirante Tamandaré; o general Miranda Reis; o visconde Nogueira da Gama, entre poucos.

Na sala, frente a frente, as primeiras palavras do imperador a Gastão revelavam que D. Pedro subestimava o movimento. Segundo ele, bastava dissolver os batalhões sublevados. E Gastão: “Fácil é dizer, mas como dissolver batalhões revoltados? Creio que a primeira coisa a fazer é constituir novo governo, pois o precedente está demitido”. E o imperador, sempre impenetrável: “Eu não aceito demissão!” E Gastão,

lúcido: “Mas diz-se que o governo Provisório já está constituído, composto de Deodoro, Quintino Bocaiúva e Benjamin Constant. Amanhã pela manhã o Senhor verá as proclamações afixadas...”. D. Pedro esboçou um gesto de irritação. Gastão, sempre apoiado por Isabel, continuou: “O senhor convoque ao menos o Conselho de Estado para esclarecê-lo”. Resposta: “Mais tarde”. E D. Pedro começou a folhear uma revista científica. Teria ele jamais se lembrado das cartas anônimas que recebia?

“A S.M. o imperador.

A nação brasileira não está satisfeita com o Governo de Vossa Majestade, porque Vossa Majestade é o Protetor de Ladrões e Contrabandistas. Se Vossa Majestade tivesse vergonha já teria se retirado deste país, mas quem perde a vergonha nunca mais a encontra”. Ou “O povo brasileiro pede a Sua Majestade o imperador que se retire do país por uma vez; a nação não está satisfeita”. A doença? “Manha do imperador para poder ir visitar o célebre Victor Hugo”. Ainda, “A nação está cansada de se deixar roubar. É preciso Vossa Alteza salvar o trono do Príncipe do Grão-Pará”. “Vossa majestade é Burro, porém mais burro é quem o atura.”

Nada parecia atingir D. Pedro...

Por volta das três horas, o imperador mandou chamar o visconde de Ouro Preto e indicou o nome de Gaspar Silveira Martins, advogado e político, para organizar um novo gabinete. Esqueceu-se de que ele era velho inimigo político de Deodoro. O imperador achava que se tratava apenas de mais uma queda de ministros e que sua substituição calaria os descontentes. Mais tarde, Mariquinha contou que, quando soube disso, Deodoro assinou a Proclamação da República. Odiava Silveira Martins.

Meia hora depois, o som dos cavalos anunciou a chegada de um piquete de quarenta praças, comandado por um oficial. Disse ter sido mandado por Deodoro para pôr-se às ordens de Sua Majestade. Resposta de D. Pedro: “Não tenho nada com isso e não conheço no Deodoro qualidade para assim proceder”. O imperador parecia não compreender o que acontecia. Optou pelo fatalismo. Parecia querer assistir à

morte da Monarquia. O oficial chileno, a quem Isabel e Gastão serviriam o jantar que não aconteceu, se apresentou e colocou seu navio, o *Cochrane*, à disposição da família imperial. Resposta de D. Pedro, sempre surdo aos fatos: “Isto é fogo de palha, eu conheço meus patrícios”. Decepção e apreensão cobriam o rosto dos presentes. O imperador preferia ignorar. Sua imagem de autossuficiência, e mesmo de imodéstia, não combinava com a incerteza dos demais membros da família.

Ao mesmo tempo que entendia a gravidade da situação, Isabel buscava soluções. Era preciso tentar alguma coisa. Ansiosa e quase autoritária, convenceu o pai a enviar uma circular aos conselheiros de estado, convocando-os com urgência ao Paço da cidade. D. Pedro não reagia. O barão de Loreto escreveu aos dezesseis conselheiros uma carta-convite: “Sua Alteza Imperial me encarrega de rogar a Vossa Excelência queira com a maior brevidade comparecer ao Imperial Paço da cidade onde se acha Sua Majestade o imperador”. Ela não tinha qualidade para convocá-los, mas a carta teve duplo efeito: lembrar que o regime estava em crise e que atrás do trono abalado ainda havia uma herdeira. Do lado de fora do Paço, o tropel de cavalaria espalhava quem quisesse se reunir para ver a família imperial. Quando algum deles se aproximava da janela, conseguia distinguir conhecidos ao longe. “Que horrível dia! Meu Deus! Ninguém sossegava”, registrou Isabel. A imperatriz gemia. Os criados choravam pelos corredores.

Não à toa, a princesa se sentia traída. Afinal, seis meses antes, nas comemorações do aniversário da Abolição, o jornalista José do Patrocínio, falando no Teatro D. Pedro II, parecia ver nela, cercada de crianças, a Virgem pintada por Murilo cercada de anjos. Escritores como Artur Azevedo e Olavo Bilac foram vistos com braçadas de flores para atirá-las à princesa. A Guarda Nacional prometia seu apoio à Monarquia e ameaçava: se alguém tocasse na Redentora, seria sangrado. Até o clero que ela defendeu na luta contra a Maçonaria a esqueceu. Nesse dia, só o padre Herculano Brito veio confortá-los na tragédia.

Seis meses depois, sofrendo as consequências do furacão que os arrastou, Isabel se perguntaria: “Com outras medidas teria se evitado o mal? Não sei. Gastão também foi de opinião de conservarmo-nos

em Petrópolis, mas não teve meio de comunicar com Papai, e quanto a mim, que sempre vejo tudo pelo melhor, estava longe de pensar que sucederia o que sucedeu”. Ela se preocupava em ser acusada de fraqueza e se perguntava por que ninguém sabia de nada: “Como o Ministério, e especialmente os Ministros da Guerra, da Marinha e da Justiça e o Presidente do Conselho, por estes não se sabia nada! Imprudência! E mais imprudência! Descuido ou o quê?! Uma vez que a força armada estava do lado dos insurgentes, todos nós, nem ninguém poderia (*sic*) fazer senão o que fizemos”.

Às 19h, muitos estavam presentes. Na madrugada de 16 de novembro, arrastado de casa, José Antônio Saraiva, conselheiro do imperador e nomeado por ele para formar um novo gabinete, escreveu a contragosto a Deodoro. Tentou uma conciliação. Enquanto isso, D. Pedro se fechou num aposento. Isabel e Gastão, nervos à flor da pele, resolveram esperar a resposta de Deodoro.

E chegou sem misericórdia: “Não aceito propostas nem cedo coisa alguma, os meus planos estão feitos e as pastas já distribuídas”. Mariquinha anotou em seu diário: “Assim terminou o triste dia 15 de novembro, início de tão grande catástrofe para o Brasil”. E a princesa: “Dizer o que se passava em nossos corações, não é possível. A ideia de deixar os amigos, o país, tanta coisa que amo e [me] lembra mil felicidades de que gozei, me faz romper em soluços”.

Sobre o mesmo dia, em tom irônico, um grande proprietário de terras teria dito ao Visconde de Taunay: “Tudo foi muito bem. A princesa chorou a valer”. Os escravistas se vingavam. No campo da Aclamação, o povo insultava os criados do Paço que passavam.

Três e meia da madrugada: ao longe, gritos de “vivas” ao imperador. Mais tarde, uns poucos tiros. Alguns marinheiros tinham tentado desembarcar e foram rechaçados pelas tropas golpistas. Raiou o sábado. Isabel tentava descansar e Gastão percorreu os jornais que exibiam as notícias da República recém-criada. Ruía o sonho do Terceiro Reinado.

Numa atmosfera glacial, crescia a preocupação de Isabel. Os filhos longe, o pai perto, mas trancado em si mesmo. Das novas autoridades

republicanas, mais silêncio ainda. Nenhuma informação. Os amigos que chegaram cedo entravam no Paço. A partir das nove horas, os demais eram recebidos com o grito: “às armas” e eram barrados. Nem criados passavam da porta. A família imperial era prisioneira dos militares.

Ficaram sem comer até chegar o serviço oferecido pelo Hotel Globo. As horas se arrastavam. Às três e meia da tarde, na Sala das Damas, chegaram três oficiais com uma mensagem de Deodoro. Com calma e dignidade, D. Pedro lhes deu ordem de se retirar e leu. Um parágrafo enregelou os presentes: “Senhor [...]. Obedecendo, pois, às exigências urgentes do voto nacional, com todo o respeito devido à dignidade das funções públicas que acabais de exercer, somos forçados a notificá-los que o Governo Provisório espera de vosso patriotismo deixardes o território brasileiro com vossa família no mais breve tempo possível”.

E D. Pedro, em voz alta: “Eu parto e parto já”. Isabel e Teresa Cristina romperam em prantos. Os amigos, um grupo de fiéis, quase trinta pessoas cercaram as senhoras. A sensação de impotência dominava o grupo. Tudo rodava. Uma ciranda de coisas, de lembranças, de restos. “Como haveremos assim de deixar amigos e meu país que tanto amo, que gente cruel”, soluçavam Isabel e Teresa Cristina. Pareciam arrancadas de um sono profundo, ouvindo frases que não faziam sentido.

A verdade é que, em Laranjeiras ou Petrópolis, ninguém acreditava num golpe tão próximo. O Ministério recebia indícios desconexos, mas não deu atenção. Ouro Preto confiava em Floriano Peixoto, chefe direto do exército e a disciplina em forma de gente. Pela Marinha, respondia o Almirante barão de Ladário, íntimo da família. Um mês antes, no dia 15 de outubro, o casal de príncipes festejou bodas de prata com a casa cheia de amigos e admiradores. Segundo Gastão, até a imprensa, sempre tão crítica, os teria tratado com rara gentileza. A visita dos chilenos movimentou um baile oferecido pela Guarda Nacional na Ilha Fiscal, inaugurando o edifício gótico da Alfândega no dia nove de novembro. A família imperial participou da festa, surda às manifestações de militares que erguiam os copos brindando “à República... do Chile!”. Se a ideia era reforçar a imagem do Império contra conspirações, o tiro saiu pela culatra.

Enquanto uns dançavam sobre um vulcão, Benjamin Constant, Deodoro e Ruy Barbosa desenhavam nomes para o ministério golpista. No exército, havia um forte ressentimento contra o imperador. Nos batalhões corria que, “enquanto uns se divertiam, gemiam as famílias dos infelizes soldados”, descontentes com o governo desde o fim da Guerra do Paraguai. No dia onze de novembro, tranquilo, Gastão escreveu ao pai, o duque de Némours, em Paris: “O imperador subiu para Petrópolis, nada de novo. Eles devem voltar no sábado, como sempre”. Aliás, nessa época, Isabel e Gastão também passavam mais tempo na cidade serrana do que no Rio. Os boatos que corriam na Rua do Ouvidor não subiam a serra.

Ah, a Rua do Ouvidor! Artéria que, segundo o viajante francês Marc Leclerc, de passagem pelo Rio de Janeiro, era um pedaço de Londres sob o céu do Egito. A sorveteria Deroche recebia tantos clientes quanto o restaurante O Globo, enfeitado de espelhos e mármore, em cujas mesas se discutia a política do país. Ateliês de fotografia faziam cartões de visita com retrato. A charutaria que atraía elegantes era a Loja do Bernardo, próxima ao Hotel Europa, que servia refeições à francesa. Cafés e restaurantes, até um grande restaurante chinês que servia quatro pratos a seiscentos réis, se acotovelavam. Mas os boatos eram fabricados, destilados e depois soltos a partir das redações dos inúmeros jornais ali instalados: o do *Comércio*, o da *Nação*, o *Diário de Notícias*, a *Gazeta de Notícias*. De uma janela nessa rua, José do Patrocínio, que jurou defender o trono de Isabel, a Redentora, proclamou a República às três horas da tarde. Não foi o único traidor.

Tudo mudou num golpe de vento. Antes queridos, agora aborrecidos. “Como aceitar a inversão de autoridade, a arrogância do diálogo entre os golpistas e D. Pedro?”, se perguntava Isabel, chocada com “a camaradaria” de Deodoro com seus aliados. Enquanto D. Pedro ruminava com o barão de Loreto a resposta que daria a Deodoro, Gastão ditava ao seu mordomo Lassance as despedidas das associações a que era afiliado. Agradeceu a “generosa hospitalidade” e assinava-se com “um saudosíssimo adeus e cordial gratidão”. Sempre em lágrimas, Isabel se despediu numa carta: “É com o coração partido de dor que me

afasto de meus amigos, todos brasileiros e do país que tanto amei e amo, para cuja felicidade esforcei-me por contribuir e pela qual continuarei a fazer ardentes votos”.

A amiga Mariquinhas Tosta imediatamente se prontificou a segui-la no exílio. O visconde da Penha e a esposa também asseguraram que toda a família estaria na Europa para acompanhá-los. No rosto muito branco de Isabel corriam lágrimas. Antes gorducho e suave, ele envelheceu na noite maldormida. Olheiras fundas deram um ar sofrido à fisionomia da mulher que era conhecida por sua doçura. Foi um longo dia de aflições, pois os filhos ainda se encontravam em Petrópolis. Sem notícias, ela sofria. Sofreu com a frieza dos oficiais e soldados no Paço Imperial. Sofreu confrontada com a inconstância do povo. Sofreu porque foi surpreendida: “Não tivemos o menor aviso”, queixava-se.

Assinaram-se procurações. Com ar de resignação, D. Pedro mandou chamar os oficiais e entregou-lhes sua resposta. A pedido de Isabel, Eugeninha, filha do visconde da Penha e de Mariquinha, junto com a velha criada Ludmila, foram ao Paço Isabel buscar objetos e pertences do casal. Elas lá ficaram das 19h30 às 22h30 e conseguiram reunir os bens mais queridos. Mais tarde e emocionalmente exaustos, todos os membros da família se recolheram.

O horror irrompeu à 1h30 da madrugada de dezessete de novembro. Foram arrancados da cama pela chegada de militares que batiam à porta. As ordens: obrigá-los a se vestir rapidamente e partir. Pode-se imaginar o constrangimento. D. Pedro resistiu. O barão de Jaceguai, vice-almirante da Marinha brasileira, lhe explicou: “O governo receia que haja derramamento de sangue, todos sabem quanto Vossa Majestade zela pelo sangue de seu povo, por isso seria conveniente embarcar já”. A princesa era confortada pelo coronel Mallet, enviado de Deodoro, que lhe explicava que o governo estava animado das melhores intenções. Que punha amplos recursos à disposição da família imperial, que teria cinco mil contos de réis para suas despesas: uma fortuna à época. Sentindo-se injustiçada, Isabel explodiu: “Sr. Mallet, pois é quando nos vê com o coração partido de dor que vem nos falar

em dinheiro, conhecendo, entretanto, o nosso pensar em assunto semelhante?!”.

Criados fechavam malas às pressas. Gastão, muito calmo. Isabel, em choque, guardava as joias. Estava tão atarantada que esqueceu um valioso colar de pérolas na gaveta de um móvel. Depois de asseados e vestidos, despediram-se dos criados. Ajoelhados, eles tentavam beijar-lhes as mãos.

Ao passar pela mesa em que assinou o decreto da abolição, Isabel lançou ao barão de Jaceguai: “Se nos expulsam a mim e à minha família pelo que assinei ali, eu tornaria a escrever o meu nome sem vacilação”. Atravessaram a escadaria do Paço, sempre guardada pela tropa, embarcando num carro que os levou até o cais de embarque. E a princesa fez questão de dizer a Mallet: “Se os senhores tiverem alguma lealdade, não deixem de declarar as palavras de meu pai que disse só embarcar para evitar um conflito inútil”.

Era noite escura e chovia. Mergulhada em silêncio e escuridão, a praça parecia enfeitiçada. Embarcados numa canhoneira imprópria para travessia em alto-mar, o *Parnaíba*, ainda receberam a visita de amigos. “Em tudo notávamos receio e atrapalhação” – registrou Isabel. O mar batido obrigou a imperatriz a ser içada. Ela não conseguia subir as escadas que aguardavam os escaleres. Para consolação dos pais, os três jovens príncipes chegaram de Petrópolis trazidos por Rebouças, o professor de ginástica Mr. Stoll e o diplomata austríaco, Welsersheim. Rebouças embarcou com a roupa do corpo. Já o preceptor, o barão de Ramiz Galvão, desapareceu de cena e em breve aderiria à República. Constrangida, a princesa se desculpava com o diplomata: “Não pense muito mal de meu país, eles só agem assim num acesso de loucura”. Outros diplomatas tinham sido impedidos de ver a família imperial.

Levantaram âncora na manhã chuvosa do dia 17 de novembro. A baía se escondia na névoa. A bordo, foi servido um almoço no qual Gastão ouviu de um oficial carcereiro: “Faça o favor de não se acanhar, quando está entre amigos”. Numa carta à condessa de Barral, comentou com ironia que criados e oficiais pareciam sinceros na simpatia. Mas ainda assim seriam “amigos singulares”. Em suas memórias, Isabel

também registrou o diálogo mantido com um jovem oficial “que parecia bem-intencionado e comovido de nossa dor”. Ele: “a transformação era necessária”. Ela: “pensava que se daria, mas por outro modo: a nação iria elegendo cada vez maior número de deputados republicanos e este tendo a maioria, nos retiraríamos”. Retirariam? Onde estava a mulher altiva, convencida do acerto de ter enterrado a escravidão, alheia às ironias dos conservadores e que ouviu do jornalista José do Patrocínio: “Vossa Alteza pode reinar?”. Embora corresse que ela era alheia à política, quem garantia que não desejasse o trono para si ou para o filho? Havia tempos existiam profundas divergências entre os partidos do Império sobre a eventualidade de um Terceiro Reinado. Havia tempos, grupos políticos se interessavam pela princesa, na qual viam uma substituta para o pai. Porém, havia muitas resistências.



Planeta